

CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA  
IN MEMORIAM JACQUES PERRIN  
6 e 12 de julho de 2022

# LA RAGAZZA CON LA VALIGIA / 1960

*(A Rapariga da Mala)*

um filme de Valerio Zurlini

**Realização:** Valerio Zurlini / **Argumento:** Leo Benvenuti, Piero De Bernardi, Enrico Medioli, Giuseppe Patroni Griffi, Valerio Zurlini / **Fotografia:** Tino Santoni / **Música:** Mario Nascimbene / **Montagem:** Mario Serandrei / **Direção Artística:** Flavio Mogherini / **Intérpretes:** Claudia Cardinale (Aida Zapponi), Jacques Perrin (Lorenzo Fainardi), Romolo Valli (don Pietro), Corrado Pani (Marcello Fainardi), Renato Baldini (o francês), Luciana Angiolillo (Tia Marta), Riccardo Garrone (Romolo); Gian Maria Volonté (Piero), Elsa Albani (Lucia), Enzo Garinei (Nino), Ciccio Barbi (Dr. Rosia), Nadia Bianchi, Angela Portaluri, Edda Soligo, Carlo Hintermann.

**Produção:** Maurizio Lodi Fè para a Titanus (Roma), S.G.C. (Paris) / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendada em português, 121 minutos / **Estreia em Portugal:** Condes e Roma, em 12 de Janeiro de 1962

*A sessão de dia 6 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos*

---

**La Ragazza con la Valigia** aparece num período que se pode chamar a segunda idade de ouro do cinema italiano do pós-guerra, sucedendo à fase do neo-realismo surgido no fim do conflito. Mas talvez se possa ver melhor este período como uma continuidade, pois é a cinematografia transalpina a única que no ocidente pode rivalizar com o colosso americano durante estas duas décadas. Entre estes dois "realismos" tem lugar o período das comédias típicas de Risi, Comencini e Monicelli, entre os mais importantes e dos grandes melodramas de que Raffaello Matarazzo foi o expoente. Mas no fim dos anos 50 já estas duas "modalidades" começam a dar sinais de esgotamento. Em Itália vai ter lugar no campo do cinema, como em muitos outros países, uma revolução, que em parte pode ser estética, mas que é principalmente a tomada do poder por uma nova geração que traz consigo métodos novos e outras maneiras de ver, desejosa de os impor e de "escorraçar" a geração anterior do "poder". E, como sempre, a indústria vigilante sabe tirar proveito das novas propostas que se lhes oferecem.

Em Itália, porque dela tratamos agora, o presidente da Titanus, G. Lombardo, que produzira e distribuíra **Rocco e i Suoi Fratelli**, de Visconti e o segundo filme de um desses novos recém-chegados, **I Magliari**, de Francesco Rosi, é o que principalmente aposta nessa nova geração, lançando (ou confirmando) novos realizadores como Elio Petri (**L'Assassino**), Franco Brusati (**Il Disordine**), Ugo Gregoretti (**I Nuovi Angeli**, um sintomático filme inquérito sobre a juventude italiana de 1962), Ermanno Olmi (**I Fidanzati**), etc. De Laurentiis e Carlo Ponti, Rizzoli e a Cineriz seguem-lhe o exemplo.

Valerio Zurlini (como Francesco Rosi) é um dos cineastas que vão aproveitar essa “boleia” porque, no seu caso, estamos diante de alguém que faz parte da geração intermédia. Já não é “novo” pois trabalha no cinema há já uma década, mas ainda não tem “nome” embora tenha começado a tornar-se notado. Depois do percurso de tarimba habitual dos cineastas italianos da sua geração dentro da indústria, Valerio Zurlini tem a sua estreia como realizador em 1954 dirigindo a adaptação do romance de Vasco Pratolini **Le Ragazze de San Frediano**. Só cinco anos depois, Zurlini consegue fazer outro filme graças, exactamente, às mudanças que surgiam e à aposta na nova geração. **Estate Violenta** chama a atenção para Zurlini (durante algum tempo julga-se estar diante de uma estreia) e o seu razoável sucesso oferece já uma segurança para a Titanus apostar no seu novo filme, **La Ragazza con la Valigia**. A etiqueta “geracional” está reforçada pelo elenco. Praticamente só Romolo Valli (no papel de don Pietro) se pode referir como actor da “velha guarda”. Todos os outros, principais e secundários, são jovens actores que surgiram por volta de meados da década de 50. Mas principalmente Claudia Cardinale e Jacques Perrin, se não eram à altura estreados (Claudia já tinha uma boa dúzia de filmes atrás de si e acabara de sair das mãos de Visconti em **Rocco**, e para Perrin este era já o seu quarto filme) é com este filme que se impõem definitivamente ao olhar dos espectadores. Principalmente graças aos seus personagens que tocam de modo particular também uma nova camada de espectadores, com a questão do despertar da sexualidade.

É esta questão que está na base dos melhores filmes de Zurlini, inclusive no da sua estreia que, como dissemos, adapta um romance de Pratolini. Ora **La Ragazza con la Valigia** é uma obra que evoca antes de mais, o universo de um outro escritor, contemporâneo de Pratolini, Cesare Pavese. De facto, apesar de se tratar de um argumento original, **La Ragazza con la Valigia** é talvez o filme que está mais próximo do universo do autor de **O Diabo Sobre as Colinas**, na forma como se retratam as personagens de Aida e Lorenzo, mas principalmente no retrato do despertar do segundo para a sexualidade, e a forma como a ingenuidade dessa primeira paixão se vai a pouco e pouco contaminando com a hipocrisia do meio em que vive, de tal modo que o seu gesto final vem carregado de uma inconsciente crueldade, que Aida detecta quando lhe diz para rasgar o envelope que lhe estende. Ela sabe que se o abrir, o resto das ilusões que ainda pode ter dentro de si, já não sobre o amor, mas sobre o sentimento de renúncia, acabará por morrer. É num gesto maquinal que ela o abre, sabendo (como nós também adivinhamos) que o que contém é dinheiro, para pagar os momentos de prazer que antes tivera. O gesto de Lorenzo, mesmo inocente e timorato acaba por ser mais hipócrita do que o do seu irmão que abandonara Aida na estrada. Ou antes, o que vemos não é mais do que a “reprodução” de gesto semelhante que o irmão e outros jovens da sua classe fizeram. O futuro de Lorenzo não será diferente, vencidos que sejam os poucos escrupulosos que ainda pode ter. Zurlini rodeia esta história de uma atmosfera de quente sensualidade que reforça aquela sensação de desconcerto, de sentimentos que despertam e se transformam, conseguindo quase captar aquele frágil instante em que tudo muda na vida e nos sentimentos de alguém.

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico